O artista nunca sabe tudo

— Mankeu, pintor e... «Medalha Nachingweya»

28/7/85 Dom.

por Augusto de Jesus

Mankeu é um artista que no meio cultural moçambicano dispensa quaisquer comentários de apresentação. Na sua pessoa e na sua obra está, implicitamente, a grande riqueza e elevada qualidade das artes plásticas da nossa terra, onde, juntamente com Malangatana, Chissano e outros, traçam o percurso histórico-cultural das nossas gentes, os seus sentimentos, sonhos e temores. Vai daí que, recentemente, e após ter sido honrado com a sua eleição como membro da Academia das Belas Artes da RDA, Mankeu é, no nosso País, distinguido com a Medalha «Nachingweya» que não é só por Mankeu, mas para todos os artistas; um compromisso para trabalharmos e aprendermos mais **já que** um artista nunca sabe tudo.

Havia procurado Mankeu para que nos falasse dos seus sentimentos e pensamentos sobre o facto de lhe ter sido outorgada a «Medalha Nachingweya»; mas, iniciada uma conversa, as palavras e as ideias conduziram-no a falar um pouco de tudo, do trabalho e problemas dos artistas plásticos nesta última década, da sua próxima (segunda!) exposição individual e tal.

Afinal era impossível deixar de falar nisso tudo, porque o que significará a «Medalha Nachingweya» para um artista tal como ele é, senão a contemplação e o reconhecimento do mundo que circunda a sua obra, os reveses e os sucessos?

Para Mankeu, «Nachingweya» não se delimita, apenas, entre aquela medalha e a respectiva cerimónia da sua entrega ao contemplado, mas **o reflexo de um processo de trabalho em cada sector da vida do País.**

— Receber a medalha também quer dizer que temos que trabalhar mais, no sentido de criar, objectivamente, ao encontro dos desejos do nosso Povo. Especialmente para mim, significa que tenho que transformar algo, aquilo que de outra maneira posso fazer melhor — disse o artista plástico.

A APRENDER E A ENSINAR

Pintor já da «velha guarda» que é, Mankeu revê os últimos 10 anos como um tempo em que se aprendeu, ao mesmo tempo em que se ensinou. No decorrer deste lapso de tempo, Mankeu faz ressaltar o facto de terem despontado muitos artistas novos, **um passo à frente**, a criação e as inúmeras exposições de arte efectuadas, **forma importante de ensinar o Povo a apreciar e conhecer a sua arte e os seus artistas.**

Mankeu falou da necessidade que os artistas plásticos têm para que a sua obra seja conhecida pelo grande público, tendo dito que **tudo deve ser feito para que exista uma maior aproximação entre os artistas e o Povo, para que se ensine as pessoas a lerem a sua própria obra.** Deu especial importância à criação de locais, tais como escolas, núcleos ou Associações, **onde as pessoas possam conviver com os seus artistas e conhecer o seu trabalho de perto.**

Apontou que **na actualidade, tal como antes, são os estrangeiros, grosso modo, que mais apreciam e compram as nossas obras, quando deviam ser os moçambicanos.** Por isso, chamou a atenção à contínua saída de obras moçambicanas para o exterior, **dentro elas aquelas que são, até, património do nosso País.**

Depois referiu-se, também, à laia de condenação, ao distanciamento entre os artistas já «velhos» e os que agora aparecem. Ele disse:

Um artista nunca sabe tudo; nunca deve dizer que «já estou bem e pronto». Temos que ensinar os mais novos, acompanhando-os mais de perto. Nada de criar barreiras e dizer «eu já sou conhecido» e «aquele é novo» e, como tal, distanciarmo-nos. Porque até um artista nunca é velho, ele é sempre novo na sua obra e ao que chamamos de «novo» pode muito bem fazer uma obra que seja melhor que a dos ditos «velhos». O segredo está em mantermo-nos sempre unidos e a aprender uns com outros.

12 ANOS DEPOIS: UMA EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL

A dado passo do nosso encontro, Mankeu anunciou a realização da sua segunda exposição individual, a segunda em toda a sua carreira, tal como referiu. O porquê deste intervalo entre as duas exposições, o pintor dá a entender nas seguintes declarações:

— Uma exposição individual mostra o percurso do artista na sua arte. Ela dá a conhecer a todos, a fase de desenvolvimento em que se encontra um artista e, assim, deve ser uma exposição mais esmerada, para que reflicta, de facto, o seu grau de evolução; o que é diferente de uma exposição colectiva, em que se torna impossível conhecer a qualidade artística real de um indivíduo.

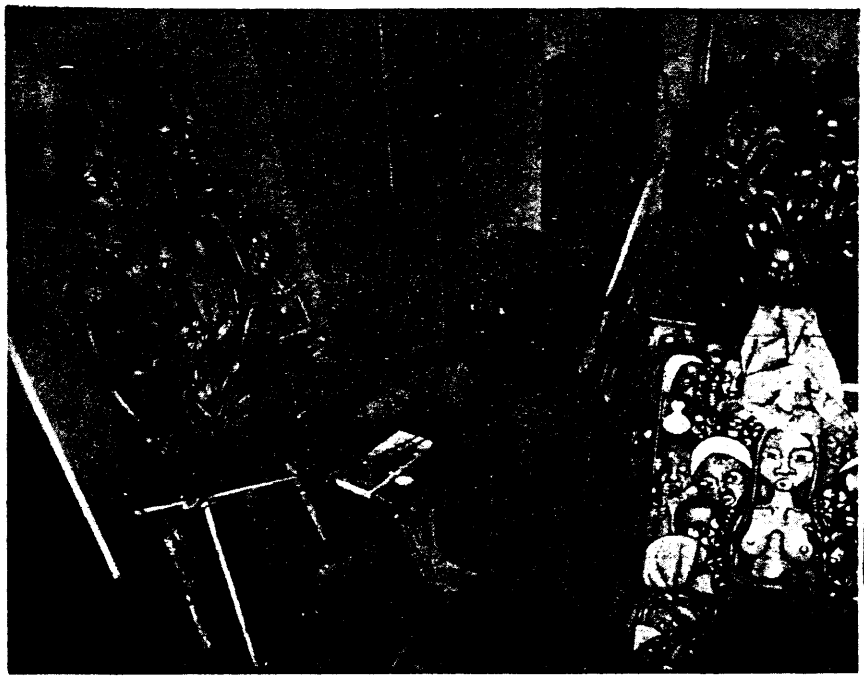
Mankeu afirmou que esta exposição individual deverá ter lugar no próximo ano e que irá abarcar cerca de 50 quadros, alguns dos quais já prontos para o efeito, outros a criar e outros, ainda, a recolher em diversos locais.

NÃO É PORQUE SEI MAIS

Depois falamos, também, do facto de Mankeu ter sido eleito, no ano passado, membro da Academia de Belas Artes da República Democrática Alemã. De imediato, ele referiu que essa sua distinção, **não surge porque eu é que sei mais, que sou o melhor. Não. É o reconhecimento da nossa cultura no estrangeiro e prova que a RDA está interessada em apoiar no que possa ser necessário para o desenvolvimento das nossas artes plásticas.**

Ele voltou a repisar no facto de que **isso significa, também, que eu tenho que aprender mais, é uma chamada de atenção para que todos os nossos artistas plásticos estejam sempre a aprender; porque somos todos iguais, «velhos» ou «novos»** — afirmou.

A obra fala por si, é mais forte que o ódio e todos os outros defeitos — disse a rematar, como quem diz **deixem-se do resto e vamos trabalhar**, em alusão ao tal distanciamento entre os ditos «velhos» e «novos», às dificuldades de materiais de trabalho, etc. ■



O pintor Mankeu em plena actividade artística. À esquerda no seu atellier, na sua casa no Bairro do Xipamanine, e à direita, numa obra algures na cidade de Maputo